

Questões sobre o plano diretor para o complexo hospitalar do Juquery

Questions about the director plan for the hospital complex of Juquery

Pier Paolo Bertuzzi Pizzolato¹

Resumo: O trabalho proposto trata do processo de criação de um Plano Diretor para o conjunto histórico edificado considerando a análise do desenvolvimento arquitetônico do antigo Asilo de Alienados do Juquery, tanto do ponto de vista estético quanto histórico. A finalidade é realizar uma leitura desse espaço tendo em vista as modificações em função das influências e dinâmicas sócio-urbanas ocorridas dentro do contexto da Macrometrópole paulistana, e assim preparando-o, por meio de novos usos para sua reinvenção como pólo indutor da transformação das cidades no Vale do Rio Juqueri, culminando em um uso novo para o espaço construído.

Palavras-chave: Juquery, Macrometrópole, Requalificação, Arquitetura da saúde, História da Saúde Pública.

Abstract: This paper is about the process creation of a Management's Plan for Juquery historical buildings, considering the architectural development of the old Juquery asylum from esthetical and historical perspectives. The purpose is to describe this space with the intention of planning changes that can occur because social and city related demands in the context of São Paulo's Macrometropolis. The planning gives to Juquery new uses, transforming its buildings and making it a pole of the transformations of Juqueri Rivers Valley cities.

Key-words: Juquery, Macrometropolis, Requalification, Architecture health, Public Health history

¹ Possui graduação em bacharelado em arquitetura e urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997) e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2008). Atualmente é professor universitário da Universidade Bandeirante de São Paulo e diretor técnico de serviço – Complexo Hospitalar do Juquery. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, patrimônio histórico, projeto, habitação e bem estar.

Introdução

Este artigo² visa expor as perspectivas desenvolvidas para a atualização do uso das terras do Complexo Hospitalar do Juquery com vistas ao futuro da Instituição. A iniciativa surgiu da necessidade emergencial de um eixo norteador para as atuais mudanças que estão ocorrendo dentro da Instituição, tanto no âmbito do atendimento quanto da gestão, caracterizadas pela alteração de sua estrutura, antes destinada à especialização em psiquiatria, agora se tornando mais afinada às especialidades médicas do Sistema Único de Saúde (SUS). Tal alteração é importante para a modernização da Instituição, na medida em que o Juquery por muito tempo ficou estagnado, servindo nas últimas décadas de depósito de pessoas sem o atendimento médico adequado. A Instituição que ocupará o espaço existente deve superar as marcas do passado e tornar-se elemento físico capaz de lançar bases para essa transformação.

Breve história do Complexo

Do ponto de vista político/administrativo, a antiga fazenda do Juquery (Figuras 1 e 2), formada pelo mosaico de terrenos adquiridos pelo Dr. Franco da Rocha, encontra-se ainda hoje íntegra enquanto propriedade do Estado de São Paulo, porém dividida entre as seguintes secretarias: Secretaria de Estado da Saúde, Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Justiça, Segurança Pública e assuntos penitenciários. Trata-se da maior área de propriedade do Estado nesse território, sendo central geograficamente, passível de se constituir em referência tanto de espaço público quanto de valorização social. O Plano Diretor serviu como um dos principais componentes para a criação de um mecanismo operacional único de gestão, respeitando as atribuições de cada um desses órgãos. Porém, antes de dar continuidade ao processo de formatação do Plano Diretor dar-se-á ênfase aos fundamentos históricos da Instituição.

Foi no século XIX que o hospício como uma Instituição total tornou-se prática na assistência aos alienados. As grandes instituições psiquiátricas, construídas em áreas afastadas dos centros urbanos, guardaram a

² Texto apresentado no III Congresso Internacional na Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios, dias 12, 13 e 14 de Maio de 2010 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil



Figuras 1 e 2: Vistas do antigo Asilo de Alienados do Juquery (externa e interna). Imagens retiradas do catálogo do arquiteto Ramos de Azevedo. (Fonte: Biblioteca Central da POLI-USP).

imagem do paciente psiquiátrico e seu estigma longe dos olhos da sociedade por um longo tempo. Com o Juquery não foi diferente. Quando fundado em 1898 pelo alienista Dr. Francisco Franco da Rocha, o foi devido ao contato deste médico com os autores da psiquiatria internacional³, transferindo o então superlotado⁴ hospício paulista que se encontrava encravado no centro urbano, para paragens próximas à cidade de São Paulo.

O projeto arquitetônico foi elaborado por Ramos de Azevedo. Ambos, médico e arquiteto, escolheram uma grande extensão de terras na região do vale do rio Juqueri, localizada próximo a Serra da Cantareira. O local foi definido pela sua “vocação para saúde”⁵ que historicamente a Serra já ostentava, além da proximidade com a cidade de Caieiras que, à época, continha as principais empresas fornecedoras de material de construção para a obra e pela facilidade de integração com a cidade de São Paulo devido ao sistema ferroviário existente. O Asilo de Alienados do Juquery foi iniciado pela construção da 1ª Colônia Psiquiátrica Masculina onde, através da atividade agrícola, a laborterapia teria efeito terapêutico sobre o doente mental.

Durante a administração do Dr. Franco da Rocha o asilo se expandiu, chegando a ter cinco colônias dispersas pela fazenda, além da consolidação do conjunto central, edificado conforme a experiência executada no Asilo de Saint Anne, em Paris⁶. Sob ela também foi desenvolvido o sistema de tutoramento chamado “nutrício”, onde famílias da região recebiam uma ajuda de custo do Estado para receber e tratar pacientes que apresentassem alto grau de sociabilidade e capacidade de trabalhar no campo.

³ Os principais médicos que influenciaram o alienista paulista os seguintes psiquiatras: Kraepelin, Morel, Magnan, Marie, Voisin (Annales Médico-Psychologiques), Maudsley (psiquiatria inglesa da degenerescência) e Lombroso (escola penal).

⁴ No ano de 1852 foi adaptado em um casarão no centro da cidade, mais precisamente à Rua São João, o Hospício Provisório de Alienados de São Paulo, onde funcionou de forma precária até 1864, quando o aumento da demanda fez com que o Hospício fosse mudado para um antigo seminário na região da Tabatinguera (Várzea do Carmo).

⁵ A Serra da Cantareira no início do século XX com a fundação da Companhia Cantareira de águas e esgotos com a implementação do *tramway* de acesso, se tornou o primeiro parque natural da cidade de São Paulo com o intuito da preservação das nascentes de água que abasteciam a cidade. A visita nos finais de semana gerou nos paulistanos a identificação do lugar em espaço de lazer e boa qualidade de vida. Depois da instalação do Asilo de Alienados do Juquery, houveram as fundações de três importantes hospitais na região: Leprosário de Guapira em 1904 (atual Hospital São Luis Gonzaga), o Leprosário de Gopoúva em 1931 (atual Hospital Padre Bento) e o Hospital de Tuberculosos do Mandaqui em 1938, ambos com caráter segregacionista como o Juquery.

⁶ Para a comparação entre o Asilo Psiquiátrico do Juquery e o Asilo de Saint Anne em Paris, ver PIZZOLATO 2008.

Sucedeu-lhe o Dr. Pacheco e Silva, que subscrevia a compreensão da doença mental como problema social antecedente à crise do indivíduo e não apenas quando se manifesta posteriormente, o que se tornou a tônica do tratamento psiquiátrico. Em sua gestão, o Dr. Pacheco e Silva deu grande impulso às pesquisas científicas, pois ampliou, completou, renovou e criou serviços e setores novos no Hospital do Juquery. Dentro de suas convicções médicas, convidou, em 1924, o anátomo-patologista russo Constantino Tretiakoff para trabalhar no Juquery na direção do mesmo Laboratório que desenvolveu o trabalho de análise e quantificação da “anatomia da loucura” dos doentes do Juquery, através do estudo de seus órgãos e ossos, formando rico acervo de peças anatômicas. Outro fato importante em sua gestão foi a mudança de nomenclatura de Asilo de Alienados para Hospital Psiquiátrico, em 1925. A essa mudança vem atrelada a ampliação considerável do espaço físico. Com Pacheco e Silva o Juquery atingirá a configuração de sua implantação conhecida até hoje.

Ainda que a trajetória da Instituição tenha apontado momentos de mudança de cultura e do sistema de tratamento, a superlotação se tornou um ponto de fragilidade nas gestões dos diretores do local. Segundo Lanman (1999, p.178), a política institucional ligada cada vez mais à transformação das reivindicações sociais em internações psiquiátricas ampliou a prática de confinamento dos marginalizados e mendigos devido à industrialização crescente da região metropolitana de São Paulo a partir da década de 40. Isso levou à manutenção de tratamentos antiquados que tornaram crônica a situação dos doentes mentais, determinando um espaço amorfo e indiferenciado onde não importava mais o tipo de doença adquirida.

Nesse quadro de superlotação, deu-se em 1965 o pico de 14.393 internos, fruto da situação acima indicada⁷. A partir da década 70, e intensificada nos últimos anos, a Secretaria de Estado da Saúde alterou sua política, incentivando a desinternação gradativa dos pacientes. Essas no-

⁷ É bastante complicado definir um número de lotação inicial para o Complexo Hospitalar do Juquery, pois a implantação física do mesmo cresceu muito durante as décadas. Podemos retomar o raciocínio inicial do Dr. Franco da Rocha e Ramos de Azevedo, onde foi caracterizado o perfil do asilo: pela análise do médico psiquiatra a lotação ideal seria a de 1000 pacientes internados no Juquery. Após ultrapassado esse número seria necessário a criação de novos asilos em outras regiões. Já no memorial descritivo do arquiteto a definição da população ficou da seguinte maneira: oito pavilhões com capacidade de 80 pacientes cada, mais dois prédios de isolamento com 11 celas cada, além da 1ª Colônia Masculina com lotação de 80 pacientes, totalizando 742 pacientes no momento da inauguração do serviço. Para mais informações ver SILVA 1995 e PIZZOLATO, 2008.

vas diretrizes previram a descentralização do Juquery e a transferência de pacientes para as redes privada e pública.

Com a infra-estrutura urbana de uma pequena cidade adquirida ao longo do tempo, o Complexo Hospitalar gerou uma dependência sócio-política por parte da cidade de Franco da Rocha, afinal o município foi criado a partir da fundação da Instituição e por muito tempo a maioria de seus cidadãos eram funcionários públicos do hospital. O Juquery é de grande importância na medida em que controla os remanescentes das terras habitáveis. Esse espólio tornou-se, ao longo do tempo, um ponto crucial nas disputas político-institucionais da região.

Porém, as áreas do Juquery foram ocupadas sem um planejamento global, provocando perdas consideráveis para a estruturação de um novo uso mais condizente com a vocação do local. Os principais terrenos foram doados para a instalação de unidades habitacionais de abrangência duvidosa nos municípios de Franco da Rocha e Caieiras, mas a maior contribuição de terras do Juquery foi para a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e a conseqüente criação do Parque Estadual do Juquery, ocupando mais de dois terços da fazenda original.

Outra conseqüência direta da falta de planejamento foi a permissão do Hospital para que a prefeitura retirasse, de forma predatória, grande número de cascalho de suas terras para serem usados em obras de aterro e criação de vias públicas, o que acarretou na erosão em um dos morrotes que compõem a paisagem “juqueriana”, desmontando-o, provocando o assoreamento de grande parte do rio Juqueri e colocando em risco o aterro da estrada de ferro nos períodos de chuva.

Em 1987 a EMPLASA (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano) desenvolveu uma análise de viabilidade de novos usos para a região, considerando o retrato dessa complexa paisagem de convivência e interdependência da Cidade e do Complexo. Tal análise veio a reboque de grandes mudanças ocorridas naquele período: a intervenção administrativa do Juqueri realizada desde 1984 por conta das péssimas condições de tratamento e a vontade política de esvaziá-lo com vistas ao fechamento da Instituição. A comissão da EMPLASA diagnosticou que a qualidade das terras que compunham a área da proposta não era propícia para atividades de agricultura e que as áreas edificadas tinham a potencialidade de receber uma implantação habitacional. Indicava-se também a necessidade da proteção das matas e dos mananciais que circundavam a antiga

fazenda do Juquery (efeito direto dessa premissa foi a criação do Parque Estadual do Juqueri, em 1993). Além das questões internas de impacto local, a EMPLASA (Lancman 1999, p. 178) alertava que o eixo formado entre Campinas e São Paulo seria um vértice de grande conurbação urbana, causando em várias cidades a união de seus territórios.

Pelo exposto, pode-se concluir que a presença de um passado importante para a ciência médica brasileira foi sobrepujada pela situação de abandono imposta ao longo das últimas décadas. Para a superação desse problema, foi desenvolvido um Plano Diretor que se caracteriza por ser um desdobramento mais crítico do estudo da EMPLASA, priorizando a ocupação na área remanescente com um contexto regional maior como, por exemplo, a cidade-região ou área metropolizada.

O Plano Diretor

O Plano Diretor foi adotado na Instituição para nortear as necessidades físicas do serviço de saúde e balizar as possíveis transferências de terra para a implantação de novos usos, já que se verificou que as atividades ligadas ao tratamento de saúde para a região poderiam ser acondicionadas em quatro novas diretrizes: construção de um novo prédio com função hospitalar, recuperação das construções da antiga 1ª Colônia Feminina para um Hospital de Retaguarda, a criação de um Memorial da Saúde no conjunto do antigo asilo central e implantação da vila terapêutica na área da 1ª Colônia Psiquiátrica, atualmente conhecida como Azevedo Soares.

Atualmente, a população de internos representa um número de pouco menos de trezentos leitos. A nova política de saúde implantada propõe o investimento em assistência extra-hospitalar, com a criação de ambulatórios especializados, hospitais-dia e estamos às vésperas da inauguração de um serviço conhecido como CAISM – Centro de Atenção Integral a Saúde Mental – que implementará a aplicação, que já vem sendo realizada a pelo menos 12 anos, na humanização e conseqüente des-hospitalização de crônicos internos.

Para a formatação do Plano Diretor⁸, foram realizadas várias reuniões entre o grupo de estudos liderado pelo Prof. Sylvio Barros Sa-

⁸ O Plano Diretor de usos do Complexo Hospitalar do Juquery foi apresentado no segundo semestre de 2006 e introduziu um raciocínio novo para a transição da ocupação que atualmente é meramente de serviços de saúde para um novo panorama da implantação de múltiplo-uso, no caso, uma instituição de educação.

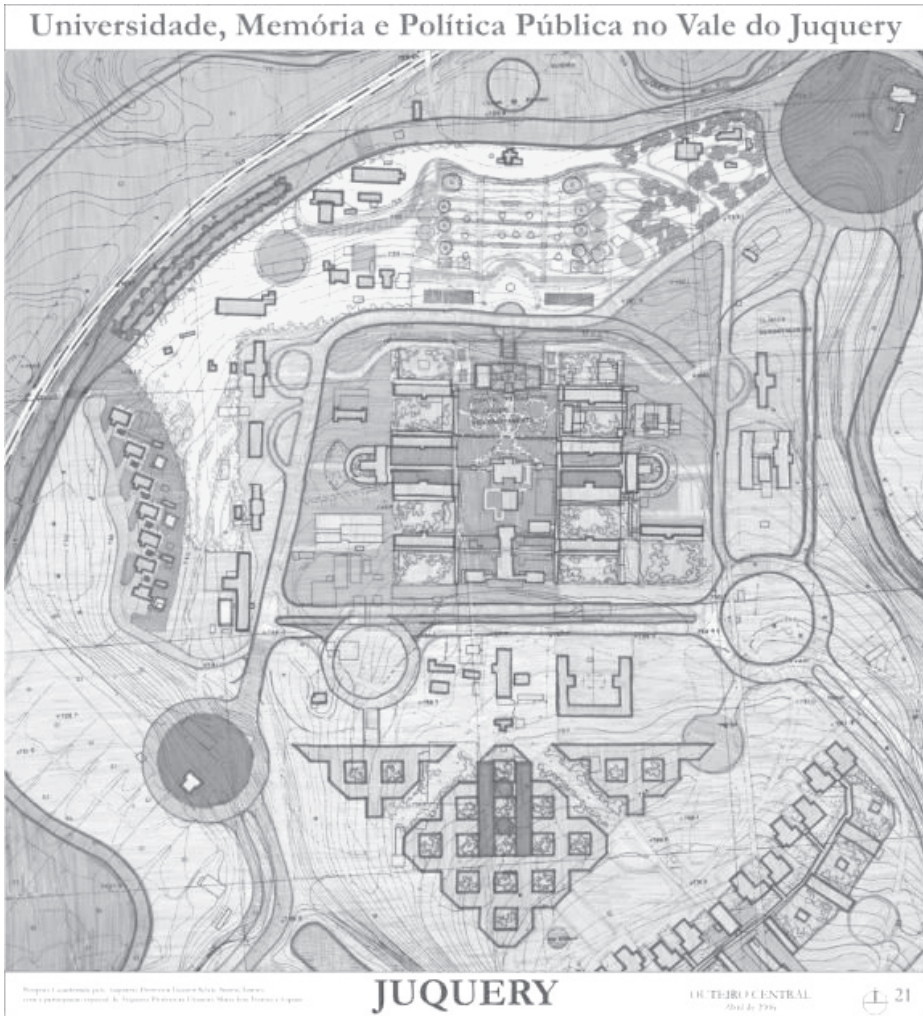


Figura 3: Desenho do plano diretor do CHJ com a implantação do novo hospital (em preto). Equipe prof. Sylvio Sawaya

waya e a Administração do Complexo com vistas a propor um Juquery que poderá não apenas inserir novos serviços de saúde em sua gama de atividades, mas também proporcionar a instalação de um espaço de ensino de nível superior ampliando, assim, a atuação na população próxima e garantindo a valorização das potencialidades sócio-econômicas na região.

Como citado, a análise realizada indicou que a Metrópole Expandida de São Paulo contém grandes áreas intensamente urbanizadas e em adiantado estágio de conurbação, associadas a áreas com grande valor natural que aparentemente estão protegidas tanto pelo frágil desinteresse econômico das empresas de produção de papel quanto por leis de proteção ambiental. O Centro geográfico deste quadrilátero foi apontado na Fazenda do Estado, no Juquery, e equivale a uma hora de viagem em relação aos pontos mais distantes definidos pelo grupo de pesquisa, que são Santos, Campinas, Sorocaba e São José dos Campos.

Assim, o Vale do Juqueri é a base a sul do triângulo norte da Metrópole Expandida, contendo as expressivas áreas de replantio das indústrias de papel e o Parque Estadual do Juqueri, e está sobre o impacto de fortes vetores de urbanização canalizados para a região impulsionados pela implantação do Rodoanel. Havendo o reforço de novas estradas no sistema rodoviário regional existente, atualmente formando uma retícula norte-sul, essas estradas criariam a implementação da malha leste-oeste, conferindo, assim, uma acessibilidade equivalente para todo território, conferindo à Fazenda do Juquery caráter articulador.

Mais precisamente, essa nova estrada ligaria as rodovias Castelo Branco e Dutra através do trecho Araçariguama a Bom Jesus dos Perdões, implantado ao norte do Vale do Juquery, substituindo o alardeado trecho norte do Rodoanel. Sobre a passagem dessa nova estrada sobre Franco da Rocha, tal situação criará uma inversão na dinâmica de crescimento da cidade – um novo centro urbano, localizado na acrópole de um dos montes que formam a região da estação de Baltazar Fidélis⁹, que redistribuirá o vetor de crescimento urbano, valorizando a divisa municipal com Francisco Morato, garantindo uma melhor urbanização, pois esta deverá ser planejada em concordância com o terreno existente.

⁹ Também conhecida como “paradinha”.

Vale ressaltar também a importância do antigo sistema ferroviário norte-sul, hoje de uso misto, e que com a conclusão do férreo-anel sul poderá se transformar em metrô de superfície para o transporte regional de passageiros. Esta iniciativa exercerá papel importante na organização da região, pois defendemos que o sistema todo deverá ter seu começo na cidade de Santos e partir em direção à Campinas, tornando as viagens de passageiros mais rápidas e eficientes. Deverá ser cogitada, também, a ligação férrea leste-oeste, ainda sem traçado definido, mas que faz parte da recuperação do trem como principal transporte territorial. Não se pode deixar de apontar, porém, que a acessibilidade viária é parte de um conjunto maior de elementos relativo aos fluxos sócio-econômicos, à implantação de uma nova infra-estrutura urbana mais condizente com nossa realidade, às dinâmicas de comunicação e à estruturação do uso do solo. Tais características que gerem a análise são consequência da compreensão de que a metrópole expandida não é apenas um quadro de referência onde se situa o Vale do Juqueri, mas um organismo dinâmico que requer atenção a suas características inerentes.

Nas reuniões ocorridas durante o desenvolvimento do Plano Diretor do Complexo ficou claro que a área da Instituição, bem como as construções nela existentes, tem sido objeto de solicitações das mais diversas. Se atendidas, fariam do local uma série de lotes díspares sem organização geral. Isto posto, toda essa situação obrigou uma distribuição ordenada das áreas dentro de uma visão coordenada das ações que ali se desenvolveriam. Assim, passa-se a descrever brevemente os principais itens que norteiam a realização deste Plano Diretor e que servirão como base para a transformação do antigo Asilo de Alienados do Juquery em referência para a Saúde regional.

Valorização do Complexo de Juquery como referência para a saúde regional, novas construções e reabilitação: Hospital de Clínicas Regional, Memorial do Tratamento Psiquiátrico e Referência, Centro de Cultura Infantil e Universidade

Como já foi mencionado, foram propostas novas construções e a reabilitação de edificações como detalharemos a seguir. O Hospital de Clí-

nicas Regional¹⁰ receberá e ampliará as atividades médicas atuais, aliando a elas projetos de pesquisa. Com capacidade revisada, o novo hospital seguirá a tônica dos hospitais de tutela mista: estadual e terceirizada (Organização Social de Saúde – OSS), garantindo o atendimento mais apropriado aos anseios da população do entorno. A nova ala psiquiátrica, que consideramos como o novo Juquery, estará constituída pela reinterpretação do tratamento realizado no Complexo Hospitalar através do assentamento de conjunto de vilas terapêuticas¹¹.

O Memorial do Tratamento Psiquiátrico e de Referência, a ser instalado nos edifícios históricos localizados na área central junto à Biblioteca Central, preservará a história da saúde mental, o respeito ao meio ambiente e ao desenvolvimento educacional da base social com participação da população. Esse memorial reabilitará o principal conjunto construído do Juquery, que não foi edificado de uma só vez. Ele apresenta nas laterais leste e oeste edificações construídas posteriormente à implantação de Ramos de Azevedo e que poderão ter usos transformados. Na cota mais elevada ao sul, a implantação do novo Hospital criará um enquadramento do conjunto histórico, enquanto nas cotas mais baixas os caminhos de pedestres nas laterais serão recuperados criando um grande espaço para a educação das crianças. As casas que configuravam a vila médica situadas à noroeste, serão transformadas em uma hospedaria para oitenta leitos, voltados para dar suporte aos vários núcleos de atividades a serem implantados na área.

Ainda no Hospital Central, na área plana do campo de futebol, propõe-se um auditório de múltiplo uso com o intuito de abrigar demandas, tanto das atividades implantadas no nosso estudo quanto da população próxima. Os espaços públicos e jardins localizados na área do antigo Hospital Central serão recuperados de forma abrangente e peças-chave para a requalificação de seus edifícios envoltórios.

As áreas de várzea terão toda a gama de utilização de âmbito social, como recreação, laser e educação da população do entorno. A gestão das

¹⁰ O hospital de clínicas encontra-se em finalização de sua obra e está previsto de entrar em funcionamento entre o final de 2010 e o começo de 2011. Optou-se em não abordar tal construção nesse artigo, pois o mesmo merece desenvolvimento de texto específico sobre o mesmo.

¹¹ Conforme a Portaria GM 106/2001 do Ministério da Saúde, o Serviço de Residência Terapêutica é definido como “Moradia ou casa inserida, preferencialmente, na comunidade destinada a cuidar dos portadores de transtornos mentais, egressos de internações psiquiátricas de longa permanência, que não possuam suporte social e laços familiares e que viabilizem sua inserção social”.

áreas manterá íntegra a fazenda Juquery de tal forma que as questões centrais de saúde, meio ambiente e vida social possam ser tratadas de maneira una, providenciando-se as transições necessárias entre as atividades de forma a preservar e desenvolver os objetivos últimos das mesmas.

A instalação de uma FATEC no momento inicial e a posterior implantação de uma Universidade, que será estabelecida nas cotas mais altas no relevo do terreno, exercerá uma força catalisadora de todo o arranjo a ser feito, criando e re-propondo a importância do Juquery tanto localmente quanto regionalmente, constituindo, assim, nova referência na metrópole (ver imagens 6 e 7).

A dinâmica dos acessos a esta área sofrerá uma nova interpretação: passarão a ser leste-oeste, substituindo os acessos anteriores com orientação norte-sul, procurando criar um lugar aprazível e tranquilo de convivência e reflexão. O conceito principal dessa reordenação espacial dos acessos vem ao encontro da transformação proposta pelo trabalho – enquanto o caminho original era ascendente e opressor (o paciente acessava por meio de escadaria com a nítida sensação de inferioridade) a nova proposta aproveita-se do espaço plano existente entre os prédios localizados na mediatriz da implantação original, realizando a distribuição mais equitativa no percurso.

É de consenso que as edificações implantadas no Juquery no decorrer de um século, especialmente aquelas dos primeiros cinquenta anos, possuem um grande valor arquitetônico formado tanto por conjunto edificado quanto por edifícios isolados, na medida em que todos funcionaram como “arquétipo físico” das demandas médicas originadas em tempos distintos, com a contribuição inicial de Ramos de Azevedo, seguida da produção realizada no próprio local por seu serviço de engenharia orientado pelo Eng. Ralph Pompeo de Camargo, que reinterpreta, quase sempre sem perder a qualidade, as referências iniciais, criando um conjunto muitas vezes difícil de desmembrar pelo modo com que a unidade arquitetônica passa a se apresentar.

As referências arquitetônicas são parte de um acervo maior (Museu Osório César de arte realizada por pacientes, Museu do Cérebro formado por peças anatômicas, entre outros) no que se diz respeito à vivência, tanto de funcionários quanto de pacientes. O importante é considerar que a reinterpretação do patrimônio se faz sempre a partir de uma proposta de recuperação pressuposta do espaço, incorporando em um exercício

mimético o que foi sem, no entanto, repeti-lo como uma tipologia de carimbo. O exercício equivocado dessa empreita acarretará em uma solução simplória, retirando de seus vestígios a fruição maior de seus ritmos, de suas proporções, das relações entre seus espaços abertos e fechados que, mesmo superadas as funções originais, sensibilizam e conferem unidade ao conjunto (Sawaya 2006).

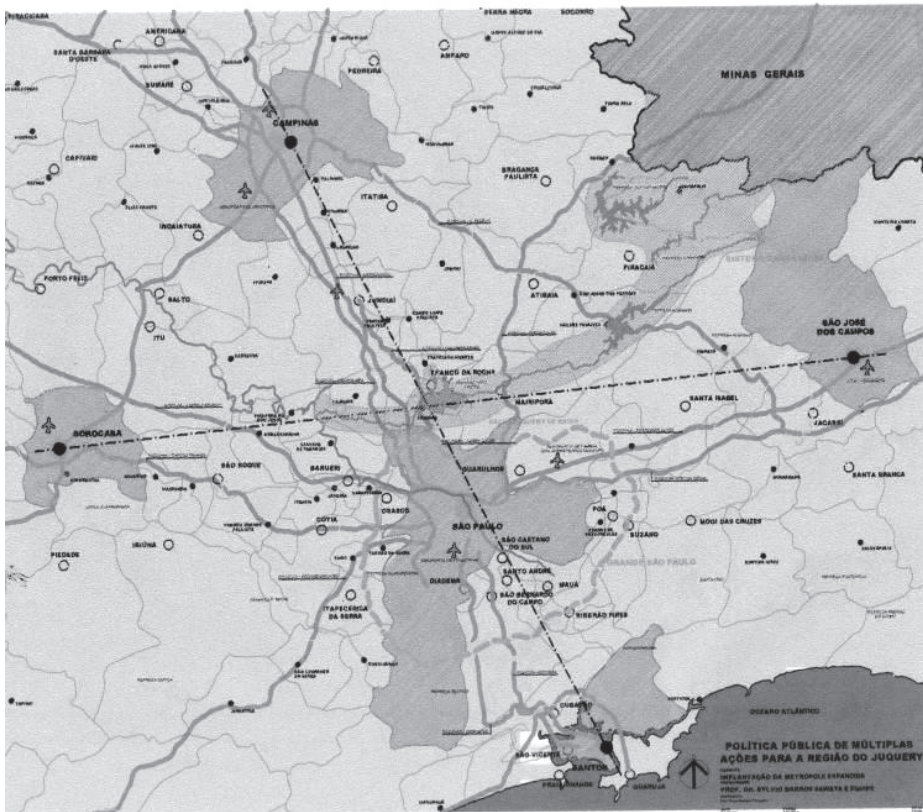


Figura 4: Sistema viário existente na Macro-metrópole de São Paulo e que passa pelo Vale do Rio Juqueri (desenho do autor deste artigo e parte constitutiva do material utilizado pelo grupo de pesquisa da FAU-USP)

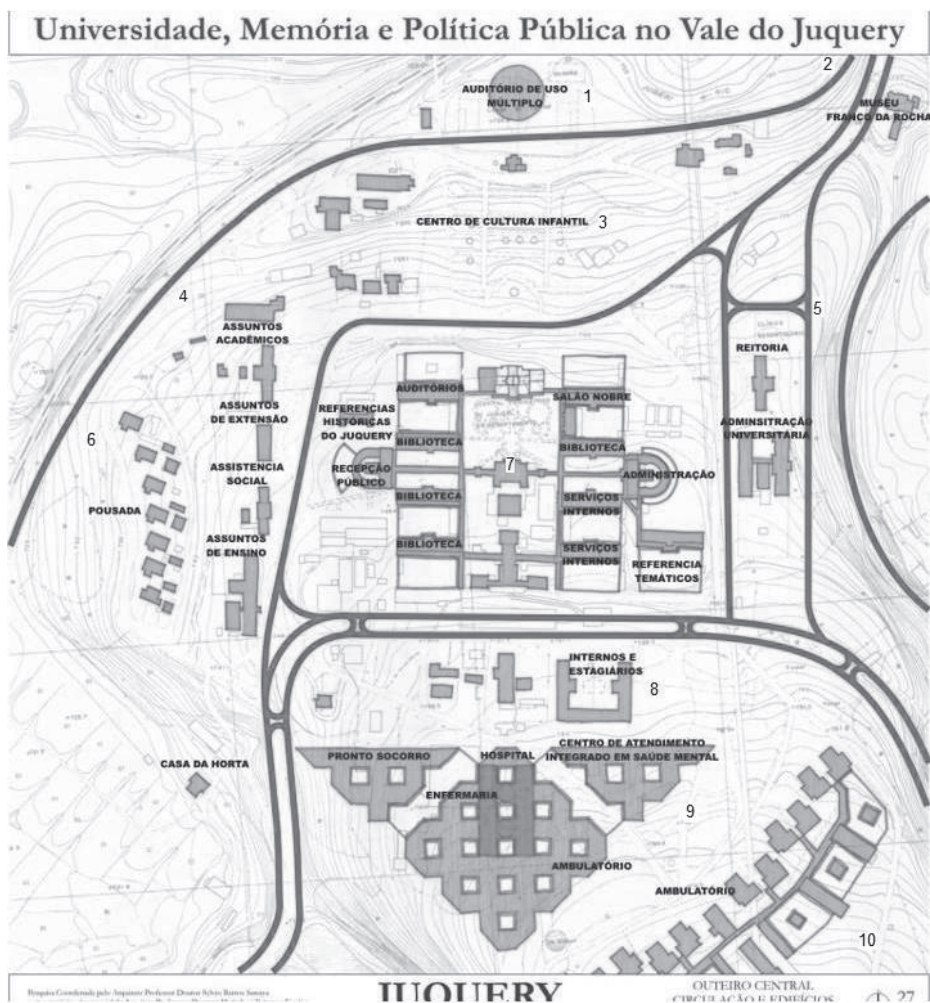


Figura 5: Desenho do plano diretor do CHJ com a destinação do conjunto histórico edificado (desenho da equipe do prof. Sylvio Sawaya)

LEGENDA:

- Auditório de uso múltiplo;
- Museu Dr. Franco da Rocha;
- Centro de Cultura Infantil;
- Edifícios de apoio institucional;
- Edifícios de apoio institucional;
- Pousada de estudantes/professores;
- Edifícios das salas de aulas;
- CAISM;
- Hospital Regional de Franco da Rocha;
- Hospital de Retaguarda.

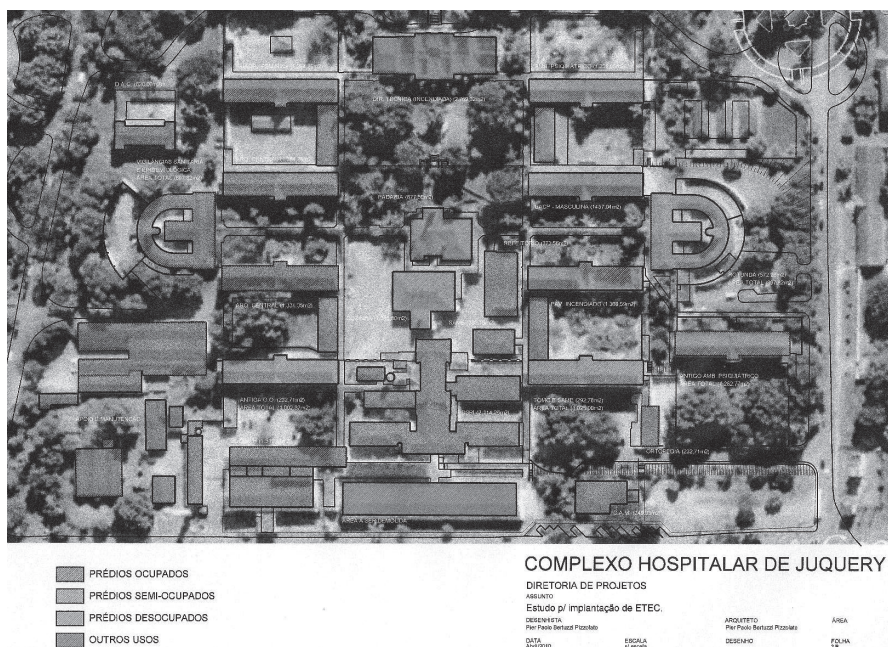


Figura 6: Desenho da situação atual dos usos dos edifícios históricos do “Hospital Central”, como é conhecido a área projetada por Ramos de Azevedo (fotomontagem do autor deste artigo).

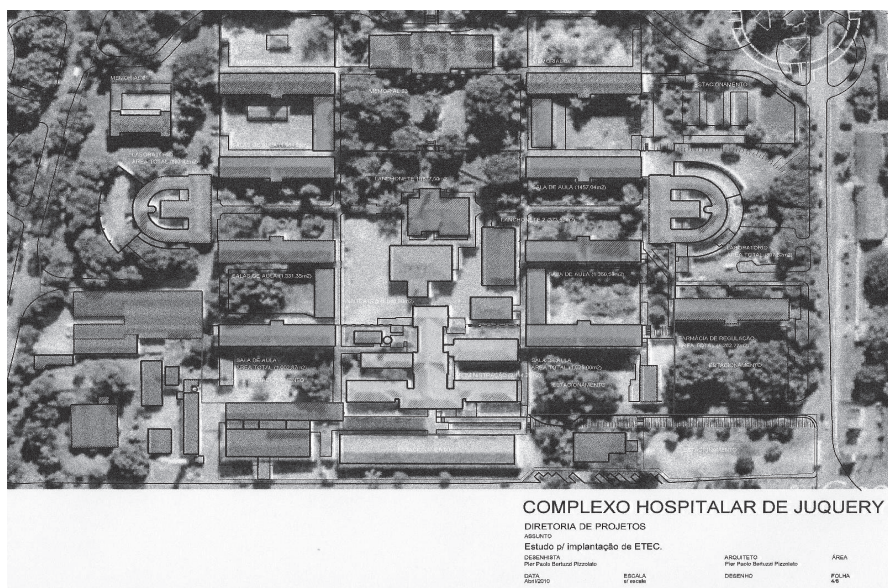


Figura 7: A mesma área da imagem acima, já com a proposta de destinação de cada área para possível implantação de FATEC (fotomontagem do autor deste artigo).

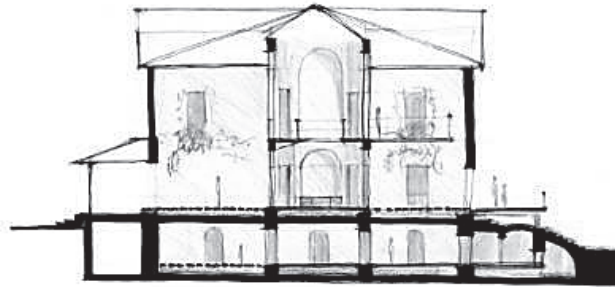
Para finalizar os exemplos escolhidos para esse artigo¹², convém considerar um exemplo de recuperação que representa a proposta para a recuperação do conjunto edificado. Com o incêndio ocorrido no prédio administrativo em dezembro de 2005 surgiu a intenção de projetar um Memorial para garantir que a perda de tal prédio não fosse esquecida. O impacto da proposta associado à necessidade de superação das perdas havidas obrigou a pensar a destinação de todos os edifícios componentes do conjunto. Surgiu, também, a questão da recuperação do local. Das maneiras diversas de se propor tal intervenção, a mais imediata seria a de se criar uma réplica, reconstruindo-o através das fotos e levantamentos arquitetônicos realizados previamente. A opção mais adequada, no entanto, é a de se fazer uma homenagem. Baseado em uma leitura quase emocional da biblioteca perdida pelo fogo, propõe-se o ressurgimento da mesma através de uma visão contemporânea, ocupando dois dos pavilhões existentes, e, aos poucos, se redistribuindo nos outros edifícios de forma ordenada e contínua, formando um Centro de Referência, salas de aula e biblioteca da FATEC proposta, ocupando, assim, os oito pavilhões existentes. A infra-estrutura técnica ocuparia o pavimento inferior semi-enterrado, os térreos dos quatro pavilhões abertos ao público abrigariam os espaços comuns de exposição, informação, venda, encontro e restauração. Dois pavilhões abrigariam os serviços internos fundamentais à organização e operação do acervo. Os livros depositados para o acesso público nos andares intermediários com grande pé direito têm, acima, grandes salões de consulta e leitura, com seu volume ampliado pela retirada dos forros horizontais, deixando à mostra a estrutura da cobertura. Dos dois pavilhões restantes, um seria destinado para dois auditórios com foier central abaixo e o outro para um salão nobre de atos e eventos. As duas rotundas seriam transformadas em “portais” da circulação central leste-oeste proposta, uma destinada ao acolhimento do público, outra à administração. Os pavilhões externos (5º Pavilhão Feminino e Pavilhão para menores alienados) tratarão da experiência Juquery, recriando ambientes através do uso dos objetos de várias épocas e o outro contendo o acervo documental completo.

¹² Para esse artigo foram escolhidas algumas propostas de intervenção que foram contempladas no plano diretor do Complexo que já apresentam estágio avançado de desenvolvimento em detrimento aos outros pontos também relacionados, mas que ainda não foram iniciados.

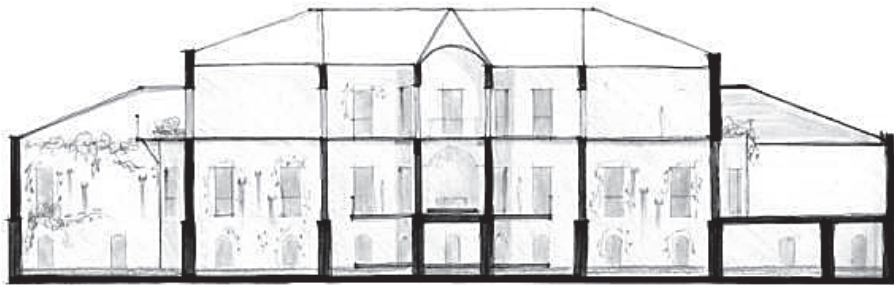
Ainda sobre o Memorial, após garantir a recuperação das paredes que se mantiveram em pé após o incêndio, para o que se propõe não se realizar qualquer alteração no que foi deixado pelo incidente. Não haveria cobertura em vários cômodos, pois se criaria um jardim interno. O espaço definido pela alvenaria ainda existente seria o elemento básico para se criar um local de registro de todos que ali vieram e passaram.

Propõe-se também que as ruínas sejam cobertas pela vegetação, onde um jardim vertical daria continuidade aos jardins aquáticos dos pisos e permitiria a recuperação da forma, vazada, da cobertura existente através de um carramanchão. Haveria iluminação, tanto externa quanto interna, permitindo o uso do Memorial em todos os horários – iluminação essa a ser pensada de forma a valorizar o conjunto e promover a criação de ambientes de recolhimento e quietude. Nas salas escolhidas e passarelas formadas pela nova circulação ficariam referências a cada paciente que foi internado no Asilo, afinal foi consenso do trabalho acreditar que a maior perda ocorrida durante o incêndio foram os dados documentais dos pacientes (muitos que tiveram sua vida totalmente apagada, já que viveram grande parte de suas vidas na Instituição). O hall central, com a pedra fraturada do antigo pedestal, comporia um novo monumento que se abriria em quatro direções opostas duas a duas, permitindo os equipamentos novos e justapostos que desempenham toda a comunicação vertical e estruturam a circulação nos vários níveis e dão apoio às demandas dos usuários.

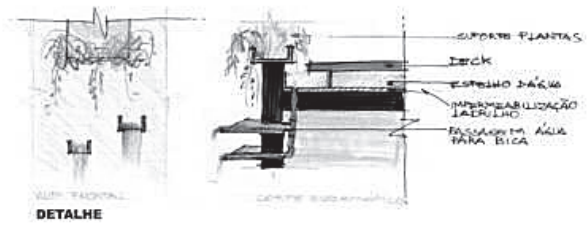
Universidade, Memória e Política Pública no Vale do Juquery



CORTE BB

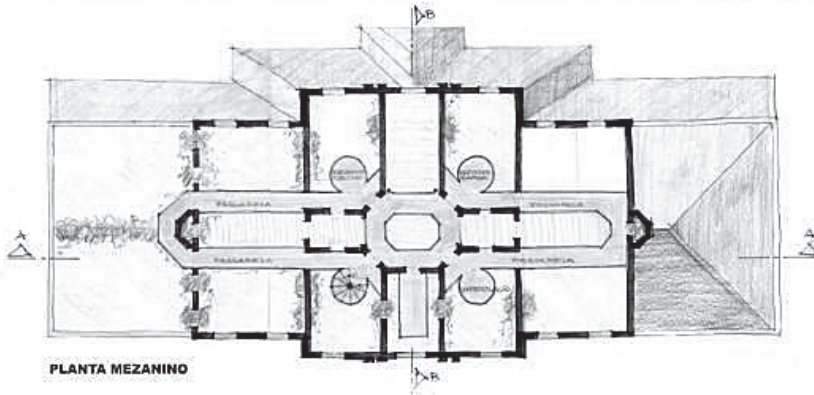


CORTE AA

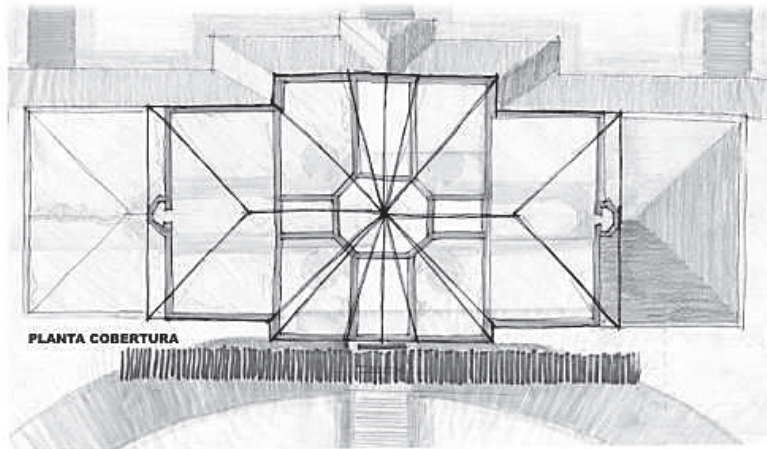


DETALHE

Universidade, Memória e Política Pública no Vale do Juquery



PLANTA MEZANINO



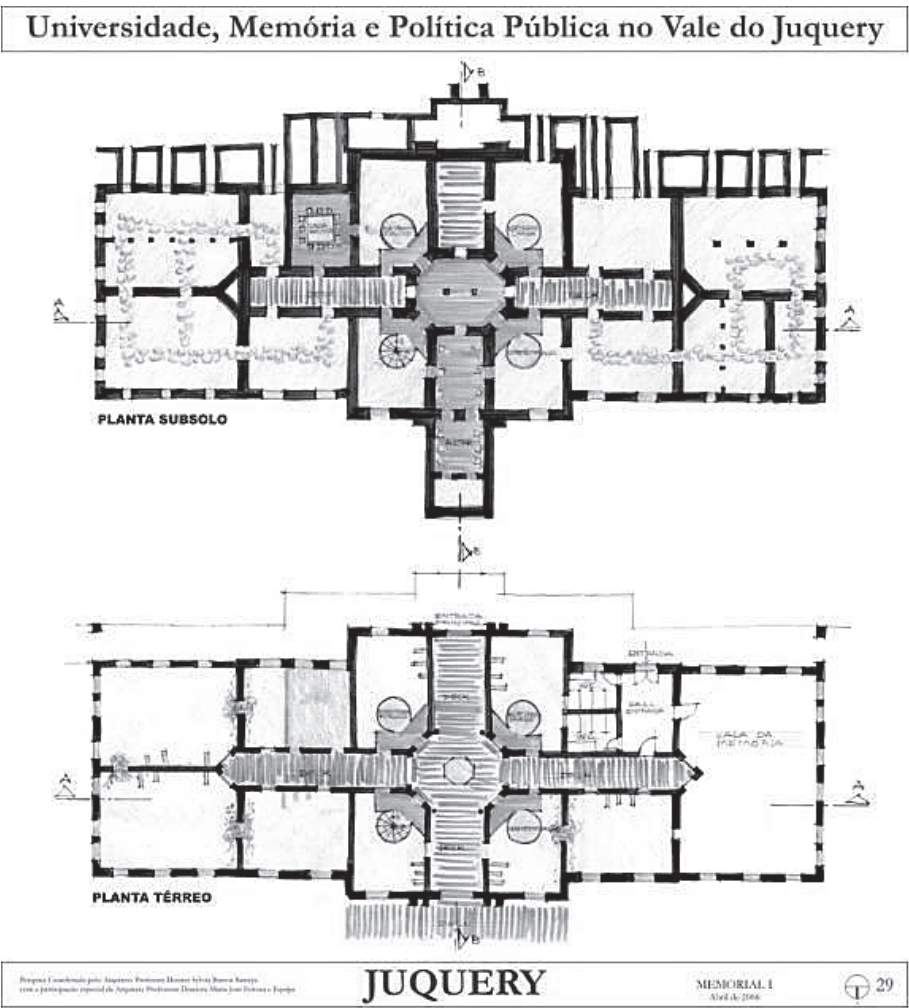
PLANTA COBERTURA

Projeto desenvolvido pelo Arquiteto Profissional Hélio Silva, Rua A. Ruyter, 1100, o planejamento regional do Arquiteto Profissional Douglas Manoel de Oliveira e Felipe

JUQUERY

MEMORIAL II
Até 4 de 2006

31



Figuras 08, 09 e 10 – Desenhos realizados pela equipe da FAU coordenada pelo Prof. Sylvio Sawaya para o estudo de recuperação e transformação do espaço do antigo prédio da administração.

Conclusão

A tarefa de desenvolver um plano diretor condizente com a demanda, que conseguisse aliar os vários elementos envolvidos (desde a dimensão regional até a doméstica) demonstrou-se durante o processo uma tarefa bastante complexa. A localização das terras do Complexo Hospitalar do Juquery permitiu que aflorasse dentro dos trabalhos a questão do papel regional do local, já que Juquery, em seus primórdios, teve capacidade de catalisar grandes transformações para a região.

A bacia do rio Juqueri, principalmente na região do hospital, não recebeu nenhum aporte de desenvolvimento antes da vinda do Dr. Franco da Rocha. Apesar da instalação da malha ferroviária na região, a mesma também não trouxe grandes investimentos antes da criação do asilo. Isto posto, reconhecemos a importância da Instituição no começo do século XX para que as cidades do entorno pudessem se desenvolver, afinal, o grande investimento público derivou da criação desse espaço de tratamento, tratamento segregacionista, é verdade, mas em seu primeiro momento extremamente avançado para a época e deu sua contribuição para o desenvolvimento da metrópole paulistana.

Após décadas de definhamento e de desvirtualização do tratamento psiquiátrico, o Juquery tornou-se um elemento indesejado na paisagem da metrópole, principalmente para a cidade de Franco da Rocha, que sempre tratou o território da Instituição como algo alheio ao município. Mas pudemos perceber durante os trabalhos, e que esse artigo tenta sintetizar, que o Complexo Hospitalar deveria ser resgatado e reproposto como ponto fulcral de revitalização. Devemos destacar que os projetos aqui levantados são importantes, para representar a dimensão do Plano Diretor do Complexo Hospitalar do Juquery.

Referências Bibliográficas

- Carvalho, MCW de. Estudo de Tombamento dos Hospitais do Juqueri (conjunto arquitetônico acervo documental e área verde existente) em Franco da Rocha. N.º. 21740/81. CONDEPHAAT, 1986.
- Carvalho, MCW de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. (Artistas Brasileiros 14).
- Cunha, MCP. *O Espelho do Mundo. Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1986.

- Fraletti, P. *66º Aniversário da Fundação do Juqueri*. Arquivos do Departamento de Assistência aos Psicopatas do Estado de São Paulo, 1966.
- Fraletti, P. *Juquery: Passado, Presente, Futuro*. Arquivo Saúde Mental do Estado de São Paulo XLVI, 1, 1987: 156-177.
- Lancman, S. *Loucura e espaço urbano: Franco da Rocha e o asylo de Juqueri*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Te Corá Editora, 1999.
- Marques, VRB. *Eugenia da Disciplina: o discurso médico-pedagógico nos anos 20*. Campinas: Faculdade de Educação, 1992.
- Mazzoco, MID.; Santos, CR. dos. *De Santos a Jundiá: nos trilhos do café com a São Paulo Railway*. São Paulo: Magma Editora Cultural, 2005.
- Pacheco e Silva, AC. *A Assistência a Psicopatas no Estado de São Paulo: Breve resenha dos trabalhos realizados durante o período de 1923 a 1937*. São Paulo, Oficinas Gráficas de Assistência a Psicopatas Juqueri, 1945.
- Pessotti, I. *O Século dos Manicômios*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- Pizzolato, PPB. *O Juquery: sua implantação, projeto arquitetônico e diretrizes para uma nova intervenção*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2008.
- Rocha, F. da. *Hospício de São Paulo. Estatística*. Apontamentos. 7º Folheto da Série, São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1900.
- Rocha, F. da. *Asilo-Colônia de Alienados de Juquery, Su Organización y Ventajas*. Buenos Aires: Revista Nacional, 1902.
- Rocha, F. da. *Assistência Familiar aos Insanos em São Paulo*. Relatório do Quarto Congresso Médico Latino-Americano. Rio de Janeiro, 1909.
- Sato, CN. *A Paisagem e o projeto no Vale do Juqueri em Franco da Rocha*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2007.
- Sawaya, SB. *Rumo a noroeste: A fazenda Juqueri*. A Construção 35, 2005.
- Sawaya, SB. *Universidade, Memória e Política no Vale do Juquery*. Projeto de Pesquisa, São Paulo, 2006. (Mimeo)
- Silva, IR da. *Franco da Rocha nas terras de Juquery: um Hospício, uma cidade*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1995.

Data de recebimento do artigo: 12/06/2010
 Data de aprovação do artigo: 02/09/2010
 Conflito de Interesses: Nenhum declarado.
 Fontes de financiamento: Nenhuma declarada